

### Código qualitativo

Uma das etapas de progresso mais importantes na pesquisa social recente é a investigação do código qualitativo como um problema *explícito*. O termo "código qualitativo" é usado para tôdas as técnicas de classificar com precisão aquêles dados sociais, aos quais o pesquisador não deu com antecedência uma ordem. Essa definição mostra claramente que codificar é no fundo *classificar*. Quando os dados já foram classificados em relação às necessidades técnicas, como se supôs na parte precedente, nossos problemas são primordialmente mecânicos. Porém, quando os dados não forem estruturados em categorias distintas por questões cuidadosamente planejadas, os problemas são mais complexos.

Como foi várias vêzes observado, não somente tôda a pesquisa social mas também tôda a interação social exige êste tipo de classificação. Estamos constantemente ordenando as múltiplas experiências sociais das quais participamos. Quando investigamos uma época histórica passada, devemos começar organizando dados que não foram registrados tendo em vista nossos propósitos. Se tentamos estudar os padrões sociais de uma pequena comunidade, de uma unidade de trabalho, ou de uma sociedade primitiva, devemos aprender como classificar os dados relevantes.

Assim, quando os formulários são verificados, usam-se geralmente entrevistas intensivas que são essencialmente não estruturadas, e essas respostas são classificadas antes de formular um grupo de questões mais estruturadas. Com êste procedimento tornou-se possível usar importantes fontes de dados além daquelas já padronizadas para reduzidos grupos de questões. Registros históricos, registro de casos de várias clínicas ou agências, diários e cartas, propaganda e anúncios ou entrevistas não dirigidas podem oferecer assim uma quantidade de grãos para o moinho do entrevistador.

A maioria das pesquisas baseadas nesses registros foram, porém, criticadas no sentido que o leitor não "vê" a ordem criada pelo pesquisador. As conclusões foram baseadas talvez em dados apropriados, mas o leitor não concorda com a interpretação dos dados. Contudo cada pesquisador deve eventualmente enfrentar as críticas dos seus colegas, e a não ser que êle apresente uma coleção de instruções para classificar

os mesmos dados, ninguém se limita a aceitar os resultados. A "intuição" é útil na busca de idéias criadoras, mas a *demonstração* de sua veracidade não se pode basear na expectativa que a intuição dos outros chegará às mesmas conclusões. É, portanto, necessário desenvolver um grupo *explícito* de instruções para manusear os dados, forjando assim uma conexão entre observações aparentemente desordenadas e entre generalizações adequadamente demonstradas.

A experiência de pesquisa nessa área não foi, ainda, porém, pròpriamente organizada e publicada. Será por isso útil esboçar aqui algumas das etapas principais, ordinariamente obedecidas na codificação qualitativa, bem como alguns dos problemas que podem surgir.

**1. Esclarecer o que se deseja do material.** Vamos supor que as entrevistas-pilôto sôbre a mobilidade de residência incluíram a questão: "Você me poderia contar, em pormenor, como chegou a decidir mudar-se do último enderêgo?" Se as entrevistas foram cuidadosas, deveriam obter várias afirmações de cada informante. Presumivelmente, estas respostas representam muitos *tipos* diferentes de decisão, ou situações de residência, ou famílias, ou mesmo, modos de participar na comunidade. Isto é, como a questão é só parcialmente estruturada, as respostas podem ser ordenadas de várias maneiras. Como deveriam ser classificadas?

A resposta deve ser encontrada nos objetivos da questão. Se o informante considerou a pergunta ambígua, as respostas só podem ser estudadas no sentido de ver se foi ou não corretamente compreendida. Porém, se a pergunta foi desenvolvida além dêsse estágio, escolhe-se dentre os vários meios de classificar as respostas, aquêle que melhor convém aos objetivos da pesquisa geral. Se estamos principalmente interessados em *quem* toma tais decisões, notaremos que pessoas são mencionadas. Poderíamos ao invés procurar elementos do *processo* de alcançar a decisão e buscar afirmações sôbre suas fases. Se buscamos *motivos*, serão considerados os comentários que tentam justificar a mudança. Se nos interessamos por *predisposições*, tentaremos classificar as respostas de acôrdo com as descrições das acomodações da moradia anterior, ou de acôrdo com o valor expresso da casa.

2. **Estudar cuidadosamente os questionários completados.** Esta é uma segunda etapa óbvia. Às vezes é um processo decepcionante, pois as respostas podem parecer menos compensadoras no formulário do que pareciam durante a entrevista. Porém, a demonstração dos fatos se deve basear nesses registros. Se existia mais na situação de entrevista do que aparece no formulário, é indicado tentar desenvolver melhor meios de registrar tais dados antes de continuar a pesquisa.

3. **Planejar as classes e os indicadores de classe.** Depois de estudar os dados pormenorizadamente, é provável que uma idéia de classe se desenvolva. Em alguns casos, naturalmente, essas classes já haviam sido imaginadas desde o princípio. Em outros, os agrupamentos possíveis só gradualmente tomarão forma.

Porém, neste ponto dever-se-ia fazer uma primeira aproximação dos *indicadores* a serem usados na codificação. Como o informante escolheu suas próprias palavras, elas não caberão dentro de classes cuidadosamente pré-arranjadas. Palavras de gíria podem aparecer. Racionalizações simples e complexas podem ser registradas. É necessário construir tanto as *classes* como os elementos, comentários, ou frases que são aceitas como indicadores *equivalentes* para essas classes. Por exemplo, os informantes sobre residência podem ser agrupados em 1) aqueles que estão ansiosos para mudar; 2) aqueles que estão aguardando um tipo definido de casa; e 3) aqueles que se confrontam com uma "oportunidade" de moradia. Isto, naturalmente, é só um tipo de classificação que pode ser usado para interpretar outros comentários sobre o processo de decisão. Entretanto, os informantes podem não ter usado essas frases. A solução está, então, no desenvolvimento das *instruções para codificar* (para o próprio pesquisador bem como para os outros), que enumera os *indicadores* para cada classe. Por exemplo, um informante pode não usar o termo "ansioso" mas afirmar "Que triste era! Devíamos achar algum lugar para viver, agüentamos durante um ano". Ou "Meu primo o escolheu enquanto estávamos em Idaho. Ficamos doentes quando o vimos, mas o que poderíamos fazer?" Ambos os comentários indicam que os informantes tiveram uma forte predisposição para mudar-se e estavam insatisfeitos com sua casa desde o princípio.

Por outro lado, um indicador claro para o grupo "oportunidade" poderia ser qualquer comentário que sugerisse satisfação geral com a casa, até que um "bom negócio" foi acidentalmente descoberto. Este tipo de comentário seria o caso mais claro, outros pormenores poderiam ser usados para delimitar a classe, no caso de informantes que não estavam muito satisfeitos mas que afirmavam que não se teriam mudado se nova casa não tivesse sido encontrada inesperadamente.

O objetivo, portanto, é construir um grupo de instruções que permitirá a outros classificar esses comentários em tipos que são relevantes para a pesquisa. Como, ordinariamente, não se podem esperar exatamente as mesmas palavras, o que se faz é buscar um *significado* equivalente. Para fazer isso, as frases e elementos que indicam claramente a classe apropriada são enumerados e verificados, procurando-se ver se as várias pessoas ao usar o código obtêm os mesmos resultados.

Em alguns casos, os indicadores são conhecidos desde o princípio. Por exemplo, o interesse pode ser o de descobrir em que extensão as crianças na primeira infância usam vários estereótipos étnicos na sua linguagem de brinquedo. Os registros podem consistir em observações feitas através de um espelho de visão unilateral, suplementadas por registros mecânicos da linguagem. Neste caso o problema do código seria simples, pois as frases usadas nos estereótipos étnicos são bem conhecidas.

Um problema um pouco mais difícil ocorre quando o objeto da operação de código é um *contínuo de intensidade*, como a classificação de respostas que expressam um alto grau de discordância daquelas que expressam grande concordância, de um objeto particular. Como se observou na parte sobre escala, este problema é, às vezes, enfrentado pelo uso de juizes, que classificam, independentemente, uma série de respostas ao longo de um contínuo de concordância e discordância.

Mesmo quando se empregam juizes para um agrupamento preliminar de respostas, deve ainda ser enfrentado o problema de quais são os *indicadores* adequados para a classificação, pois nos referimos aqui a dados não estruturados. Quantos graus podem ser usados dependerá dos pormenores contidos nas respostas. "Discordo plenamente" ou "concordo plenamente" podem ser bem fáceis de classificar. As respostas

menos intensas serão às vezes indicadas por comentários favoráveis ou desfavoráveis, que são acompanhados por várias qualificações: “Estão certos, mas alguns dêles. . .”; ou “Não tenho muito contato com êles, mas eu não tive nenhum aborrecimento. . .”

**4. Adequar as classes aos dados.** Tendo construído um grupo preliminar de indicadores, deve ter início o processo gradual de adequar as classes aos dados. A primeira utilidade dêste procedimento é a de descobrir se as instruções são ou não claras. Construindo e aplicando os indicadores preliminares, é freqüentemente possível acrescentar novos pormenores às instruções, bem como compreender mais claramente a natureza das classes.

Nesta etapa é particularmente importante prestar atenção aos *casos discrepantes*. Não importa quão cuidadosamente foi construído o primeiro grupo de instruções, existirão algumas respostas que não poderão ser incluídas. Os indicadores podem não ser adequados, ou podem parecer amorfos e vagos. Êstes casos deveriam ser estudados pormenorizadamente pois podem exigir nôvo grupo de indicadores, ou um nôvo grupo de classes.

Além disso é provável que um pequeno grupo de informantes “desconhecidos” ou “não classificados” assim permanecerão através do processo de codificação. Se o grupo é grande, as instruções, classes ou dados são pobres. Por outro lado se esta classe é mínima, não afetará em nada as conclusões.

**5. Codificar tôdas as respostas.** Tendo adequado gradualmente as instruções às classes necessárias, deve ser feita então uma tentativa de codificar tôdas as respostas. Também aqui é necessário verificar o código de uma pessoa ou grupo em relação ao de outros. Só por êste ajustamento e prova é possível verificar-se se os julgamentos meramente impressionistas servirão ou não como base de interpretação.

**PROBLEMAS ESPECIAIS.** Antes de mostrar como o código qualitativo se aplica ao conteúdo de comunicação, como jornais, programas de rádio, discursos, etc., discutiremos alguns problemas comuns, que freqüentemente ocorrem.

Um resultado comum da tentativa de codificar é a descoberta de que não se esclareceu o *conceito* pelo qual os comentários devem ser ordenados. Por exemplo, uma pergunta sobre “crença na democracia” pode provocar comentários difíceis de organizar, precisamente porque o próprio conceito não foi adequadamente definido. Em alguns casos, o problema pode ser resolvido por meio de uma série de questões ou simplesmente com uma frase mais precisa. Em outros, pode ser necessário pensar novamente sobre o problema. Por exemplo, a codificação será confusa quando se tenta ordenar os comentários em termos de “moral do estabelecimento” confundindo-se satisfação com a ocupação, aceitação dos padrões do grupo do estabelecimento, crença na mobilidade através da ocupação, ou outros significados possíveis do termo. Neste caso, a finalidade da pesquisa deve ser mais claramente definida.

O insucesso na obtenção dos dados desejados é outro tipo de problema às vezes encontrado. Geralmente, isto é causado pela redação falha da questão original. Assim, pode-se usar uma questão direta, tal como “O que fez que você cometesse o crime?”, quando o objetivo é o de obter informação sobre o *processo de decisão* para realizar um *determinado* ato criminoso. Muitos informantes, porém, responderão referindo-se ao *background* familiar, ao meio do cortiço (*slum*), comportamento de bando, etc. Neste caso, naturalmente, é necessário formular a questão diversamente.

A codificação pode terminar também como uma descoberta desanimadora — de que a maioria das respostas tendem a ser de um único tipo. Assim, a questão anterior sobre mobilidade de residência, “Por que você decidiu comprar uma casa?” pode provocar um grupo de respostas que podem ser classificadas como fatores relacionados com o preço. Outras questões, porém, indicam, claramente, que o preço não pode ser o fator principal. Os informantes pouco conhecem sobre preços comparativos, e a maioria dos seus comentários sugerem que as discussões familiares não se referiam muito ao preço. Vemos então que o “preço” é um tipo de racionalização de outros motivos, em termos que são aceitáveis em conversas com amigos e estranhos. As respostas à questão formal podem ter sido tão semelhantes simplesmente porque a questão básica não foi realmente respondida.

Essas tabulações de "classe única" geralmente aparecem quando a questão é respondida com um clichê: "Eu decidi ser engenheiro porque sempre me interessei por isso", "Nós nos casamos porque nos amávamos", "Nunca castigo meus filhos porque eles devem expressar suas personalidades". Será necessário a reformulação da questão, ou o uso de questões-prova. Em todos os casos, o processo de codificação mostra claramente um grupo de respostas que exigem maior análise antes de serem aceitas como satisfatórias.

Por outro lado, a tentativa de encontrar ordem em dados basicamente não estruturados, pode levar a *maior insight*, e é útil para compreender as tabulações já feitas. Por exemplo, num estudo não publicado existiam questões relacionadas com opiniões étnicas e padrões de amizade. Estas respostas foram adequadamente codificadas como atitudes para com vários grupos étnicos e também como padrões de amizade. Entretanto, este processo sugeriu que os comentários continham outros dados. Quando os informantes falaram de suas amizades com membros de outros grupos étnicos, apontaram "indivíduos isentos"; isto é, *seus* amigos eram *diferentes*. Seus amigos irlandeses não eram belicosos ou com pouca cultura, ou seus amigos judeus não eram comerciantes (ou radicais). Por conseguinte, uma outra codificação foi feita em termos das isenções individuais apontadas. Outras tabulações de dupla entrada demonstraram os bons resultados dessa operação, pois existe uma relação entre os graus de preconceito étnico e os tipos de exceções individuais apontados.

As tentativas de tornar explícitos os procedimentos se resumem na observância de uma exigência do trabalho científico — que as operações possam ser repetidas por outros. Se os protocolos de entrevista são percebidos como "observações", é claramente necessário que as observações possam ser classificadas por outros como o são pelo pesquisador. Quando essas observações são bem estruturadas, o problema de classificação não existe. Porém muitos registros como os de casos de clínicas psicológicas, ou agências de assistência social, ou observações de criança, ou protocolos de respostas livres a questões abertas, podem ser semelhantes às atitudes "reais" de nossa amostra. A codificação qualitativa é um grupo de técnicas para localizar e especificar a ordem que existe nesse material, indicadas pelos nossos pontos de vista teóricos.

### *Análise de conteúdo*

Não tentaremos introduzir neste ponto o campo *substantivo* de análise de comunicação que se desenvolveu principalmente durante a última geração. O que queremos fazer é indicar que os dados de todos os campos de comunicação podem também ser tratados como dados sociológicos. Quer nos interessemos por compreender a dinastia Tang da China ou a Revolução Protestante, a propaganda de revolução ou de reação, os programas de rádio das donas de casa de classe baixa ou dos intelectuais, o material existente deve ser codificado de alguma maneira. Para se determinar se este material concorda ou não com uma hipótese na teoria de comunicação, só podemos usar o critério comum do plano de uma boa pesquisa. Tudo o que se almeja aqui é mostrar como esse material pode ser explorado *como observações*, de modo a demonstrar claramente a ordem subjacente.

Um caso simples do campo de comunicação no qual a codificação é indispensável para uma análise de conteúdo é apresentado a seguir. Medindo os tipos de estímulos aos quais o público que lê jornais estava exposto durante um determinado período, um pesquisador pôde concluir que um determinado jornal simpatizava com os nazistas naquela época. Várias pessoas podem criticar esta afirmação, mostrando que o seu proprietário é um respeitável homem na comunidade, que ele é "100 por cento norte-americano", que não pertence a nenhum partido político, e assim por diante.

Se o pesquisador obedeceu a uma análise meramente intuitiva, a sua argumentação sobre o ponto seria interminável. Se menciona um exemplo, ele pode citar um contrário ou dar uma explicação. Pode ser acusado de tendencioso, de não compreender a situação, e assim por diante. A maioria das nossas discussões diárias com amigos também são inconcludentes.

Entretanto, um bom plano de amostra dos assuntos analisados pelo jornal, uma estrutura lógica adequada unindo os dados e as conclusões, e uma técnica sistemática de codificação do conteúdo do jornal possibilitam apresentar provas genuínas como as contidas na tabela 1. Esta tabela pode ser acompanhada de uma comparação com outras publicações, como as da tabela 2 apresentada adiante.